

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

**CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS**

**CURSO DE JORNALISMO**

**LUCAS MONTEIRO**

**QUESTÃO TRANS NO ESPORTE E A TRANSFOBIA**

Relatório da realização de um site multimídia sobre a questão trans no esporte

**SÃO PAULO – SP**

**2º SEMESTRE DE 2023**

**LUCAS MONTEIRO**

**QUESTÃO TRANS NO ESPORTE E A TRANSFOBIA**

Relatório da realização de um site multimídia sobre a questão trans no esporte

Relatório Final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso II), apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Sr. Prof. Anderson Gurgel Campos

**SÃO PAULO – SP**

**2º SEMESTRE DE 2023**

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

Data de upload: 20/11/2023

<https://www.questaotransnoesporte.com/>

---



Este trabalho dedico a minha família e amigos que sempre estiveram presentes nesta jornada buscando sempre me apoiar e ajudar para meu desenvolvimento pessoal e acadêmico.

## **Agradecimentos**

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha família, base da minha educação e presentes em todos os momentos de desenvolvimento pessoal, ao meu professor-orientador Anderson Gurgel Campos por ter me direcionado durante um ano para a elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso e à Universidade Presbiteriana Mackenzie, pelo apoio e estrutura proporcionados para a realização do trabalho.

Também não poderia deixar de agradecer meus amigos Gustavo Strabko Rezende, João Vitor de Sousa Andrade, Leonardo de Faria Jardim, Luca do Amaral Martins, Matheus Xavier Kajihara e Rafael Luciano Bakker pelo incentivo neste período de formalização do projeto.

“Talvez não tenhamos conseguido fazer o melhor,  
mas lutamos para que o melhor fosse feito.”

Martin Luther King

## RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso teve como tema principal a busca de inclusão de atletas transgênero no esporte de alto rendimento como violação ao princípio da igualdade material e questões científicas e fisiológicas, o equilíbrio competitivo e a desconstrução de um preconceito secular pautado na binariedade. O objetivo principal era, através de um site multimídia, analisar os mínimos estudos sobre o tema: questão trans no esporte e a transfobia, a fim de garantir os direitos fundamentais e respeito às pessoas trans nas práticas esportivas. Para atingir o objetivo principal, foi necessário realizar estudos sobre a transexualidade na história do esporte e o preconceito com a questão trans. Além dos estudos, foi necessária uma pesquisa aprofundada para encontrar personagens que pudessem transmitir as histórias e as emoções que marcaram o desenvolvimento. Ao finalizar o Trabalho de Conclusão de Curso, concluiu-se que, além de ter sido um grande aprendizado para o meu futuro profissional no jornalismo, especialmente nas áreas de produção, roteirização e edição, também foi um espaço para o debate latente desta questão.

**Palavras-chave:** Atletas; transgênero; esporte, multimídia.



## **ABSTRACT**

The main theme of the Final Course Project was the quest for the inclusion of transgender athletes in high-performance sports as a violation of the principle of material equality and scientific and physiological issues, competitive balance, and the deconstruction of a long-standing prejudice based on binary notions. The primary objective was to analyze, through a multimedia website, the existing minimum studies on the topic: the transgender issue in sports and transphobia, in order to ensure fundamental rights and respect for transgender individuals in sports practices. To achieve the main objective, it was necessary to conduct studies on the history of transgender individuals in sports and the prejudice surrounding the transgender issue. In addition to these studies, in-depth research was required to find individuals who could convey the stories and emotions that have shaped the development. In conclusion, upon completing the Final Course Project, I find that it was not only a significant learning experience for my future career in journalism, especially in the areas of production, scripting, and editing but also a platform for the ongoing debate on this issue.

**Keywords:** Athletes; transgender; sports; multimedia.

## Sumário

<b>1) INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2) REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>14</b>
<b>3) PLANEJAMENTO DA PEÇA</b>	<b>19</b>
<b>4) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>22</b>

## 1. Introdução:

**1.1. Questão trans no esporte e a transfobia:** Este relatório descreve a realização de um site multimídia cujo tema é a inclusão de atletas transgênero no esporte de alto rendimento como violação ao princípio da igualdade material e questões científicas e fisiológicas, o equilíbrio competitivo e a desconstrução de um preconceito secular pautado na binariedade.

O debate sobre a participação de atletas transgênero no esporte de alto rendimento é uma discussão latente e pautado na transfobia. A divisão das categorias por sexo masculino e feminino cisgêneros representa empecilhos porque não abrange as pessoas cuja identidade de gênero independe daquela atribuída socialmente ao sexo biológico, ou seja, as pessoas trans, e que desejam uma carreira no esporte como qualquer outro atleta.

A ciência não é categórica sobre se os fatores biológicos e a socialização por gênero masculino durante parte da vida dariam vantagem fisiológica a atletas trans e seria prejudicial ao esporte feminino, principalmente por ser ainda mínima a participação de pessoas trans em competições esportivas oficiais, dando pouco parâmetro para resultados concretos. O primeiro estudo com foco em analisar a performance de pessoas transgênero no esporte foi realizado por Joanna Harper, médica e consultora do Comitê Olímpico Internacional, o COI, para a webrevista Repórter Unesp<sup>1</sup>. A pesquisa apontou perda de rendimento nas oito mulheres trans que passaram por terapia hormonal, com diminuição de massa muscular e densidade óssea. Segundo a pesquisadora, que é mulher trans e corredora, as vantagens e desvantagens surgem de qualquer atleta para outro, em quaisquer modalidades.

Este projeto visa analisar os mínimos estudos sobre o tema: Atletas transgênero no esporte e a transfobia, a fim de garantir os direitos fundamentais e respeito às pessoas trans nas práticas esportivas. A pesquisa também vai examinar a visão de pesquisadores, como na Revista de Trabalhos Acadêmicos Universo, da Universidade Salgado Filho, de São Gonçalo, em “Atletas transgêneros: tabu,

---

<sup>1</sup>Disponível em: <<https://reporterunesp.jor.br/>> Acesso em: 27/10/2023

<sup>2</sup>Disponível em: <<http://revista.universo.edu.br/>> Acesso em: 28/10/2023

representatividade, minorias e ciências do esporte”<sup>2</sup>, e na Revista Gênero, do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero, o NUTEG, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social<sup>3</sup>.

### **1.2. Pergunta-Problema: (Problema de Pesquisa):**

Como um site multimídia pode abordar a falta de inclusão e igualdade para atletas transgênero no esporte de alto rendimento no Brasil?

### **1.3. Objetivos:**

#### **Principal:**

O objetivo principal é desenvolver um site multimídia para demonstrar a falta de inclusão e igualdade aos atletas transgênero no esporte de alto rendimento no Brasil.

#### **Secundários:**

Investigar a presença de atletas transgêneros no esporte de alto rendimento; estudar a transfobia, preconceito pautado na binariedade; apresentar a falta de visibilidade de atletas trans no jornalismo esportivo brasileiro; e compreender o videodocumentário como meio de comunicação.

### **1.4. Justificativa:**

A divisão do esporte de alto rendimento em categorias do sexo masculino e feminino cisgêneros representa uma restrição a atletas trans, opõe a inclusão como violação ao princípio da igualdade material e de condições e questões científicas e fisiológicas porque não abrange as pessoas cuja identidade de gênero independe daquela atribuída socialmente ao sexo biológico, ou seja, as pessoas transgênero. A produção deste trabalho é de notória pertinência para a investigação da presença de

---

<sup>3</sup>Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/revistagenero>> Acesso em: 28/10/2023

atletas transgênero no esporte de alto rendimento, estudo da transfobia, preconceito pautado na binariedade, e apresentação da falta de visibilidade de pessoas trans no jornalismo esportivo brasileiro.

O produto escolhido para desenvolver este projeto foi um site multimídia.

### **1.5. Linguagem escolhida:**

A linguagem escolhida é a multimídia, para contar as histórias de atletas trans no esporte, e trazer a opinião de especialista de uma forma didática, acessível para todos os públicos. Segundo a obra Multimédia, um conceito em evolução, “esta noção de multimédia advém de composição da própria palavra que resulta da justaposição dos termos multi+media (plural de medium), ou seja, vários meios ou formatos como texto, imagem, vídeo, som, entre outros” (CARVALHO, p 02. 2002).

O produto jornalístico que será usado é o site Multimídia, com várias imagens e entrevistas. O registro do primeiro site jornalístico foi em 1985, chamava-se Personal Journal, que possuía como objetivo transmitir uma visão digital da The Wall Street Journal. Através da multimídia, poderei transmitir, de uma forma mais atual, a emoção transmitida pelo sentimento que o futebol pode proporcionar.

### **1.6. Metodologia:**

#### **Teórica:**

A dissertação “Transexualidade e esporte: uma análise dos discursos midiáticos jornalísticos”, do pesquisador Rodrigo Nascimento, e o artigo “Atletas transgêneros: tabu, representatividade, minorias e ciências do esporte”<sup>4</sup>, da Revista de Trabalhos Acadêmicos Universo, da Universidade Salgado Filho, serão utilizados como objeto de estudo teórico para a realização deste projeto. Também será utilizada como embasamento teórico a Revista Gênero, do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero, o NUTEG, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://revista.universo.edu.br/>> Acesso em: 27/10/2023

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/revistagenero>> Acesso em: 28/10/2023

**Prática:**

A parte prática requererá necessariamente da realização de entrevistas com atletas trans, como Sheilla Souza de Jesus, a primeira mulher trans a competir no futebol profissional, e Marcelo Nascimento Leandro, homem transgênero, e campeão do Campeonato Brasileiro Feminino como jogador do Corinthians também será entrevistado. Ana Cristina Mizutori Romero, Advogada, Mestre em Direito Desportivo pela PUC-SP, especialista em Direito Desportivo pelo CERS, Diretora da Comissão Jovem da Academia Nacional de Direito Desportivo, especializada em Gestão e Compliance Trabalhista pela FGV-SP, coordenadora da Pós-Graduação em Direito Desportivo da Verbo Jurídico, presidente da Comissão Disciplinar STJD do Futsal, Auditora Auxiliar do Pleno do STJD do Futebol e Auditora do STJD do CBDN, foi entrevistada para comentar sobre as legislações dentro do esporte e a inserção de atletas trans no esporte de alto rendimento sem prejuízo do equilíbrio competitivo. Tainá Lacroix, formada pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) e psicóloga do Amtigos (Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual), fala sobre a importância da psicologia e de um profissional no acompanhamento de um paciente na transição de gênero. E Henrique Cardoso Cecotti, médico clínico geral e endocrinologista formado pela Universidade de São Paulo (USP), também foi entrevistado, para comentar sobre a importância de um profissional no processo de transição hormonal. Além do acompanhamento de notícias e dados no site do Comitê Olímpico Internacional.

**2. Referencial Teórico:**

A tentativa de equilíbrio entre a inclusão e a justiça, especialmente a respeito da elegibilidade de atletas transgêneros está entre as questões mais divergentes do esporte. O debate sobre a participação de atletas transgênero no esporte de alto rendimento é uma discussão latente, que permeia questões científicas e pautado na desconstrução da transfobia, um preconceito secular contra transgêneros. A divisão das categorias por sexo masculino e feminino cisgêneros representa resistência porque não abrange as pessoas cuja identidade de gênero independe daquela atribuída socialmente ao sexo biológico, ou seja, as pessoas trans, que desejam uma carreira no esporte.

A questão do ganho ou não de performance permeia o debate, sendo utilizada como principal argumento entre aqueles que resistem à participação de atletas trans nas competições esportivas. A ciência não é categórica sobre se os fatores biológicos e a socialização por gênero masculino durante uma parte da vida dariam vantagem fisiológica a atletas trans e seria prejudicial ao esporte feminino, principalmente por ser ainda mínima a participação de pessoas trans em competições esportivas oficiais, dando pouco parâmetro para resultados concretos. Para o professor de Educação Física e mestre em Educação, Eric Seger, discutir vantagens ou desvantagens é suscitar um problema que sequer existe, visto que a participação de pessoas trans no esporte, principalmente de alto rendimento, ainda são pontuais (Jornal da Universidade de UFRGS)<sup>6</sup>. As organizações e competições internacionais têm dificuldade em garantir os direitos fundamentais e respeito às pessoas em detrimento ao equilíbrio competitivo nas práticas esportivas.

O primeiro estudo com foco em analisar a performance de pessoas transgênero no esporte foi realizado por Joanna Harper, médica e consultora do Comitê Olímpico Internacional, o COI. A pesquisa apontou perda de rendimento em oito mulheres trans que passaram por terapia hormonal, com diminuição de massa muscular e densidade óssea. De acordo com a pesquisadora, mulher trans e atleta, as vantagens e desvantagens surgem de qualquer atleta para outro, em quaisquer modalidades.

Na transição do sexo masculino para o feminino, é exigido das mulheres trans o controle do nível de testosterona, hormônio masculino, abaixo do nível de 10 nanomols por litro de sangue, por, no mínimo, um ano antes de sua estreia em competições. Para atletas trans masculinos, não há restrições por ainda não ser considerado uma vantagem esportiva (PROTA, 2018. p.).

As diretrizes do Comitê Olímpico Internacional (COI) de 2015 estabeleciam a participação de pessoas transgênero em competições oficiais. Segundo o documento, não é preciso que se tenha passado por cirurgias de mudança de sexo, por não necessariamente garantir uma competição justa e ainda poder estar em desacordo com leis de cada país e ao desenvolvimento dos direitos humanos. Em novembro de 2021, o COI divulgou novas diretrizes para a elegibilidade de atletas trans baseadas em dez princípios básicos. Entre eles, está a não presunção de que esses atletas

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://gente.globo.com/transgeneros-no-esporte-o-que-esta-em-debate/>> Acesso em: 28/10/2023

teriam vantagens competitivas até que evidências científicas robustas provem o contrário: "Nenhum atleta deve ser impedido de competir ou deve ser excluído da competição com base em uma vantagem competitiva injusta não verificada, alegada ou percebida devido a suas variações de sexo, aparência física e/ou status de transgênero", diz o documento. Com isso, o comitê abandonou um documento de 2015 que fixava níveis máximos de testosterona a serem mantidos pelas atletas.

Um grupo de 38 especialistas em medicina esportiva publicou um artigo<sup>7</sup> defendendo que o Comitê Olímpico Internacional (COI) reveja as diretrizes divulgadas em 2021 para a participação de atletas transgênero no gênero diferente daquele atribuído no nascimento. Os autores do artigo, que dizem ser associados à Federação Internacional de Medicina Esportiva e à Federação Europeia de Associações de Medicina Esportiva, contestam principalmente a ideia de que a não presunção de vantagem esportiva é um "contraste gritante" com a postura anterior do COI, assumida em 2015, com evidências científicas e com descobertas de vários grupos. Para os autores, o COI ouviu mais o lobby de entidades de direitos humanos do que a comunidade científica para chegar à cartilha publicada em novembro do ano passado.

A discussão latente é que as mulheres transgênero seriam mais altas e fortes, o que tornaria a competição injusta — sem considerar que, para além de não ser propriamente uma escolha, a transição de gênero não concede habilidades apenas desenvolvidas ao longo de anos de treinamento. O debate é impulsionado pela iminente vantagem de uma mulher trans na passagem pela puberdade e desenvolvimento corporal no sexo masculino, em que há a possibilidade de oferecer vantagens físicas, que persistem mesmo após a supressão dos níveis de testosterona, como ombros mais largos, mãos maiores, torsos mais longos, músculos mais densos e maior capacidade cardíaca e pulmonar. Em janeiro de 2022, as federações internacionais e europeias de medicina esportiva emitiram uma declaração conjunta que dizia, em parte, que as altas concentrações de testosterona "conferem uma vantagem básica aos atletas em certos esportes" e que, para defender "a integridade e a justiça no esporte", essas vantagens "devem ser reconhecidas e mitigadas".

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/olhar-olimpico/2022/01/18/medicos-questionam-nova-politica-para-inclusao-de-atletas-trans-no-esporte> Acesso em: 28/10/2023



Em junho de 2022, a Federação Internacional de Natação (Fina) aprovou um documento que veda a participação de mulheres trans que passaram pela puberdade sem bloqueadores de hormônios masculinos. No Brasil, o bloqueio hormonal no início da puberdade sequer está disponível para todos os adolescentes, já que é realizado apenas em caráter experimental em protocolos de pesquisa, de acordo com resolução do Conselho Federal de Medicina (CFM). Agora, o temor é que a decisão da Fina abra caminho para medidas semelhantes, que criem barreiras permanentes para mulheres trans em outros esportes. De fato, ainda não há consenso científico de que as atletas trans realmente têm vantagens reais sobre as cis.

O texto da Fina diz que buscou manter a “justiça competitiva” como objetivo primário nas competições da entidade. A medida, referendada por 71,5% de seus membros, vai na contramão do tom adotado pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) — que, na visão de organizações de medicina do esporte, preferiu priorizar os direitos humanos.

No entanto, tem havido relativamente pouca pesquisa científica envolvendo atletas de elite transgênero, e os estudos não quantificam o impacto preciso da testosterona no desempenho esportivo. O órgão regulador do atletismo, que instituiu regulamentos rigorosos sobre os níveis de testosterona permitidos, corrigiu no ano passado a própria pesquisa e reconheceu que não poderia confirmar uma relação causal entre altos níveis de testosterona e vantagens de desempenho para atletas femininas de elite.

O caso mais famoso de atletas transgênero no Brasil é o da jogadora de vôlei Tiffany Abreu, a primeira, e única, até o momento, a participar da Superliga Feminina, principal competição do esporte no país. Apesar de ter recebido autorização da Federação Internacional de Vôlei para competir em times femininos, sua presença foi publicamente criticada por alguns colegas. Com o controle de sua taxa de testosterona em 0,2 nmol/l, 50 vezes a menos que o estabelecido pelo COI, a trajetória de Tiffany no esporte tem mostrado que a questão vai muito além dos fatores biológicos. Há uma tentativa de reforçar os padrões, reafirmar estereótipos de gênero. Ao podcast Medicina em debate, Eric Seger destacou que as pautas vão além das questões hormonais, são olhares epistemológicos sobre o sexo biológico.

Em sua dissertação “Transexualidade e esporte: uma análise dos discursos midiáticos jornalísticos”, o pesquisador Rodrigo Nascimento afirma que o destaque a trajetórias como a de Tiffany é necessário para que as pessoas sejam protagonistas

de sua história e rompam com as normas que visam controlar os corpos e invisibilizar existências.

As dificuldades para as pessoas que não se enquadram ao padrão socialmente construído como desejável acessarem os campos esportivos e a falta de representação expõem a precariedade dos modos de vidas outros, provenientes das desigualdades de gênero, raça, sexualidade e identidade de gênero. Entretanto, considerando os desiguais circuitos de produção, na contracorrente da exclusão, o acesso à mídia dos e das atletas trans é a representação e a resistência necessária para alterar os modos de produção da cultura, no combate às narrativas opressoras e violentas (NASCIMENTO, 2020. p.).

O Consenso de Estocolmo, desenvolvido em 2003 por um grupo de especialistas estabeleceram as primeiras regras para participação de atletas transgêneros nos esportes, como a obrigatoriedade da cirurgia de mudança anatômica completa para redesignação de sexo, incluindo genitália externa e gonadectomia; reconhecimento legal do país de origem, devendo tais regras serem cumpridas pelos atletas por, no mínimo, dois anos antes da competição.

O Comitê Olímpico Internacional adotou referidas recomendações em 2004, fato este que influenciou diretamente na adesão das demais organizações desportivas, como a Associação Internacional de Federações de Atletismo (IAAF), ocasionando o aumento de participação de transgênero.

A participação de atletas transgêneros não diz respeito ao indivíduo, somente, mas a todos os demais integrantes participantes de determinada competição, e do crucial equilíbrio competitivo, assegurado por meio de regras esportivas de integridade e ética. Portanto, apesar das infimas irresoluções sobre a forma de inclusão dos atletas transgêneros nas competições esportivas, e imprecisões científicas sobre o tema, não se pode resignar-se nas inconclusões e incertezas, e mantê-los à margem de tudo que o esporte pode fornecer (MIZUTORI, 2021, p.).

O esporte, como um fenômeno social, reflete muito de nossos costumes e até mesmo preconceitos, mas também pode ser um instrumento de transformação, quando é capaz de absorver os anseios da sociedade e promover seu desenvolvimento.

Ter oficialmente pela primeira vez uma pessoa trans competindo nos Jogos Olímpicos é um marco para história do esporte e da luta das pessoas LGBTQIA+. Isso significa que a dinâmica social está em mudança e há uma urgência em superar

os padrões, neste caso o de gênero. E, se a ciência carece de mais elementos, a diversidade é essencial para nutri-la.

Como sempre ao longo de sua história, com inúmeros episódios de enfrentamento, superação e confraternização, o esporte pode sim ser este instrumento de combate ao preconceito e de promoção de uma sociedade cada vez menos exclusiva e que garanta o direito a todas as pessoas.

O primeiro site criado no mundo foi o The Project. Idealizado pelo físico britânico Tim Berners-Lee, o website teve seu início em 1991 e foi projetado para que os profissionais do Centro Europeu de Pesquisas Nuclear (CERN), empresa em que o físico atuava, tivesse acesso rápido aos códigos e procedimentos para criar sites semelhantes. A página da ferramenta era cheia de perguntas como “o que você precisa” e “o que eu posso ajudar?” Até hoje o website segue funcionando.

Com o passar do tempo, sites ganharam reconhecimento e, grandes empresas perceberam que através de websites, seria possível a adaptação ao mundo contemporâneo. Através da multimídia que redes sociais como “Facebook” (2004), e sites mais informativos como o The New York Times (1996) atravessaram a camada do papel e formaram algo mais moderno. Através da multimídia a internet evoluiu para ser o que é hoje. Com ferramentas de praticidade, como o Google (1998) ganharam uma significativa relevância para o cenário mundial, facilitando e transformando a vida de todas as pessoas que antes não possuíam esse acesso.

### **3. Planejamento da peça:**

#### **3.1. Concepção inicial:**

A ideia da pauta “Questão trans no esporte e a transfobia” para o Trabalho de Conclusão de Curso surgiu pelo interesse em demonstrar a tentativa de inclusão de atletas transgênero no esporte de alto rendimento como violação ao princípio da igualdade material e questões científicas e fisiológicas, o equilíbrio competitivo e a desconstrução de um preconceito secular pautado na binariedade.

A produção deste trabalho investiga a baixa presença de atletas transgênero no esporte; compreende a violação ao princípio da igualdade material, as questões científicas e fisiológicas do corpo humano de um atleta trans, e o equilíbrio competitivo; apreende os fatores biológicos e a socialização por gênero masculino

durante parte da vida e a possível vantagem fisiológica a atletas trans e prejuízo ao esporte feminino; investiga a falta de direitos fundamentais e respeito às pessoas transgênero nas práticas esportivas e estuda a transfobia; e apresenta a falta de visibilidade de pessoas trans no jornalismo esportivo brasileiro.

O produto escolhido para desenvolver este projeto foi um site multimídia, uma vez que existe um número baixo de produtos relacionados a atletas transgênero no esporte e a transfobia no jornalismo esportivo brasileiro. A ideia do site multimídia é trazer entrevistas com atletas trans, médicos e cientistas do esporte especializados em fisiologia humana e advogados desportivos.

O conteúdo do site multimídia vai ser enriquecido com vídeos das entrevistas, de treinamento e jogos dos atletas trans gravados e imagens de cobertura da participação de transgêneros em grandes competições. A produção do site multimídia vai seguir de acordo com a realização das entrevistas.

### **3.2. Organização narrativa:**

A ideia do site multimídia é contar as histórias dos atletas transgêneros, trazer entrevistas com médicos e cientistas do esporte especialistas em fisiologia humana e advogados desportivos para trazer informações sobre aspectos culturais, sociais e jurídicos da elegibilidade de atletas trans no esporte.

### **3.3. Produção e gravação:**

As providências de produção são a preparação de pautas e perguntas para as entrevistas com atletas transgênero, médicos e cientistas do esporte especializados em fisiologia humana e advogados desportistas.

### **3.4. Entrevistados:**

As fontes propostas para o tema são, necessariamente, atletas trans para realização de entrevistas, como Sheilla Souza de Jesus, a primeira mulher trans a competir no futebol profissional, e Marcelo Nascimento Leandro, homem transgênero, e campeão do Campeonato Brasileiro Feminino como jogador do Corinthians também será entrevistado.

Ana Cristina Mizutori Romero, advogada e mestre em Direito Desportivo pela PUC-SP, foi entrevistada para comentar sobre os aspectos culturais, sociais e jurídicos da elegibilidade de atletas trans no esporte para que seja norteado por princípios esportivos, como a ética e integridade desportiva, além dos princípios constitucionais como, dentre tantos, a igualdade e a dignidade da pessoa humana, o papel do Estado na regulamentação desportiva a fim de promover a inclusão efetiva e de maneira eficiente de atletas trans em competições e o direito à participação de atletas trans nas Olimpíadas de 2024.

Tainá Lacroix, formada pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) e psicóloga do Amtigos, o Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual, explica o papel da psicóloga no processo de transição hormonal de uma pessoa trans, como uma psicóloga pode auxiliar na tomada de decisão do paciente para a redesignação de gênero e traz os principais problemas psicológicos sofridos pelas pessoas trans.

Henrique Cardoso Cecotti, médico clínico geral e endocrinologista formado pela Universidade de São Paulo (USP), explica se existe igualdade entre os atletas transgênero e os demais atletas e a socialização por gênero masculino durante parte da vida de uma mulher trans garante uma vantagem fisiológica, além de mostrar que o controle do nível de testosterona em mulheres trans não é suficiente para garantir a igualdade de competição.

### **3.5. Planejamento jornalístico-editorial:**

Como público-alvo, o foco do site multimídia são as pessoas interessadas em esporte, de alto rendimento ou amador, e a comunidade LGBTQIA+, para demonstrar a importância da representatividade e quebra de tabus.

Existe uma continuação do projeto no futuro para sair deste padrão de divulgação de atletas trans somente durante a participação em grandes eventos esportivos, como os Jogos Olímpicos, e em junho, mês do Orgulho LGBTQIA+.

O site multimídia vai dar a oportunidade dos entrevistados de falar e apresentar seu ponto de vista sobre o tema. O resto da produção do produto será destinado a apresentar informações sobre a inclusão de atletas trans no esporte.

## **4. Referência bibliográficas:**

1. COELHO, Rafael Torres. FILHO, Rubem Machado. LUZ, Edna. JÚNIOR, Edson Farret da Costa. REVISTA DE TRABALHOS ACADÊMICOS UNIVERSO, 2018. Atletas transgêneros: tabu, representatividade, minorias e ciências do esporte. Disponível em: [revista.universo.edu.br](http://revista.universo.edu.br).
2. LORENÇO, Luíza. LONTRA, Tiago. Transgêneros no esporte: o que está em debate? Publicado em 28 de junho de 2021. Disponível em <https://gente.globo.com/transgeneros-no-esporte-o-que-esta-em-debate/>.
3. MIZUTORI, Ana. Transgêneros no esporte, 2021). Disponível em: Transgêneros no esporte - Lei em Campo.
4. PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa Pereira. GARCIA, Rafael Marques Garcia. PEDROSA, Gabriel Frazão Silva. REVISTA GÊNERO, 2020. Disponível em [periodicos.uff.br](http://periodicos.uff.br).
5. PROTA, Luiz. Transgênero: a ciência por trás da determinação do sexo no esporte, 2018. Disponível em: Transgêneros: a Ciência Por Trás da Determinação do Sexo no Esporte. | O Cientista do Esporte | Sportv ([globo.com](http://globo.com)).
6. VECCHIOLI, Demétrio. Médicos questionam nova política a inclusão de atletas trans no esporte. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/olhar-olimpico/2022/01/18/medicos-questionam-nova-politica-para-inclusao-de-atletas-trans-no-esporte.htm>